

TOMÁS E LEONARD DE BAABDATH, SACERDOTES CAPUCHINHOS

ROMA, 24 DE ABRIL DE 2022

PROT. N. 00233/22

MISSIONÁRIOS E MÁRTIRES

A TODOS OS IRMÃOS DA ORDEM NAS SUAS SEDES

Caríssimos irmãos,

Que o Senhor vos dê a Sua paz!

1. «Santidade é o rosto mais belo da Igreja» (Papa Francisco, *Gaudete et Exsultate*, 9). No meio da situação sombria que o nosso mundo atravessa há mais de dois anos, e perante um futuro incerto, o Senhor oferece-nos generosamente dois novos Beatos: Tomás e Leonardo de Baabdath. São provenientes de uma terra bíblica - certamente - mas também de uma região do mundo que apenas conheceu a guerra

e a perseguição. O Líbano, este pequeno país que já deu à Ordem o Beato Abouna Yaaqoub (Tiago de Ghazir), apóstolo da Cruz, terá a alegria de celebrar a beatificação de dois outros Capuchinhos, missionários e mártires, este 4 de Junho de 2022, em Beirute. Quem são estes dois novos beatos libaneses, que vieram para nos encorajar nesta crise que o seu país, a nossa Ordem e o mundo inteiro estão a atravessar?

PERFIL BIOGRÁFICO

2. Géries (George) Saleh, o futuro frei Tomás, nasceu a 3 de Maio de 1879 em Baabdath, uma aldeia nas montanhas libanesas. Era o quinto de uma família maronita de seis filhos. A 17 de Novembro de 1881, Youssef



(Joseph) Oueiss nasceu na mesma aldeia, o seu apelido mudou mais tarde para Melki. Foi o sétimo de uma família maronita de onze filhos. Ambos foram batizados e cresceram em Baabdath, quando uma série de eventos dividiu a aldeia. A maioria das famílias da aldeia, sentindo-se injustamente tratadas, voltaram-se para as autoridades cívicas, depois para a Igreja, mas em vão. O grupo juntou-se então aos protestantes durante alguns meses antes de ser recebido na Igreja Latina, na sequência da intervenção da Santa Sé. Os Capuchinhos vieram de Beirute para os acolher, mas acima de tudo para aliviar tensões. Entre estas famílias estavam as de Géries e Youssef. Alguns meses mais tarde, estes jovens adolescentes receberam o sacramento da Confirmação na Igreja Latina, a 19 de Novembro de 1893.

3. Juntamente com outros companheiros de Baabdath, os dois jovens foram atingidos pelo exemplo dos Capuchinhos, que eram então italianos, e optaram por se tornar missionários como eles. Foram preparados e enviados para o seminário menor de Santo Estêvão em Istambul, que pertencia ao Instituto Apostólico do Oriente. Este instituto foi criado para formar missionários a serem enviados para o Oriente. Enquanto o Beato Abouna Yaaqoub terminava o seu noviciado em Ghazir, Líbano, com os Capuchinhos da Província de Lião, estes cinco jovens deixaram tudo e embarcaram destemidamente para Istambul, onde chegaram a 28 de Abril de 1895. Em várias regiões da Turquia, incluindo Istambul, a perseguição dos cristãos e especialmente dos arménios já tinha começado em Dezembro de 1894.
4. Durante os seus quatro anos de escolaridade, foram recebidos na Ordem Terceira Franciscana, como era tradição neste seminário. Depois, a 2 de Julho de 1899, entraram no noviciado: Géries recebeu o nome de frei Tomás de Aquino e Youssef o de frei Leonardo de Porto Maurício. Após a sua profissão simples, estudaram filosofia e teologia durante seis anos em Bugià, perto de Smirna, que fazia parte do mesmo Instituto. Foram ordenados sacerdotes a 4 de Dezembro de 1904, quando o seu convento se preparava para celebrar com grande solenidade o jubileu de ouro da proclamação do dogma da Imaculada Conceição! Passaram o exame para se tornarem missionários a 23 de Abril de 1906 e foram designados para a Missão da Mesopotâmia, que foi então confiada à Província de Lião. Puderam visitar Baabdath, a sua aldeia natal, antes de irem para Mardin, na Mesopotâmia.
5. Aí, o Padre Tomás realizou um trabalho apologético para os protestantes e os ortodoxos sírios - de acordo com a eclesiologia da época - assim como catequese, ensino escolar, pregação e confissões. O Padre Leonardo, entretanto, dirigiu a escola, animou a Terceira Ordem Franciscana e pregou a Palavra de Deus com zelo e constância. Os dois novos missionários fizeram muito bem com as crianças e os jovens. Apesar de algumas críticas, foram muito criativos no seu ministério: drama, poesia, jogos bíblicos, etc.
6. Pela primeira vez em treze anos, em Outubro de 1908, o Padre Tomás foi separado do seu companheiro, o Padre Leonardo. A partir daí, os seus caminhos seriam independentes um do outro. O Pe. Tomás foi então transferido para Kharput, na Arménia Menor, depois para Diarbekir, na Mesopotâmia, dois anos

mais tarde. Continuou tenazmente com a defesa da fé, ensino, catequese, gestão escolar e animação da Terceira Ordem. Esteve no Líbano pela segunda e última vez quando rebentou a Primeira Guerra Mundial. Mais tarde, numa última carta à sua família, escreveu: «O medo diz respeito a todos, tu e eu. Mas para que serve a preocupação quando nem sequer um cabelo cai das nossas cabeças sem vontade divina»? Depois renovou a sua confiança em Deus: «A minha vida vem de Deus. Ele pode tomá-lo quando quiser».

7. O Padre Leonardo, que estava em Mardin, viu a sua saúde deteriorar-se em quatro anos. Foi então obrigado a descansar em Mamuret-ul-Aziz, na Arménia Menor, em 1910, depois, um ano mais tarde, em Baabdath, pela última vez, antes de ser atribuído à Orfa. No início da Primeira Guerra Mundial, estava novamente em Mardin com um missionário italiano, Padre Daniel, na sua década de 80. A 5 de Dezembro de 1914, soldados invadiram a igreja dos Capuchinhos, mas o Padre Leonardo teve tempo de esconder o Santíssimo Sacramento com um arménio vizinho. Depois, desejando acompanhar algumas irmãs franciscanas a uma cidade mais segura, decidiu em vez disso ficar em Mardin, por caridade para com o Padre Daniel, que não podia pensar em partir. Ele estava pronto para qualquer eventualidade.
8. A 3 de Junho de 1915 começaram as detenções em massa de cristãos: entre eles estavam o arcebispo católico arménio, o Beato Inácio Maloyan, e os seus sacerdotes. Depois, a 5 de Junho, foi a vez do Padre Leonardo, que foi selvaticamente torturado, recusando repetidamente a oferta de salvar a sua vida se se convertesse ao Islão. Durante estes dias de prisão, a cadeia tinha-se tornado uma catedral com orações, confissões e missa. A 10 de Junho de 1915, o Padre Leonardo foi levado com 416 companheiros numa primeira escolta para Diarbekir. Ele teve a honra de abrir o cortejo. Durante esta viagem, o bispo obteve autorização do comissário de polícia para parar para uma última oração: consagrou o pão e mandou distribuir a comunhão. Depois de se recusarem mais uma vez a converterem-se ao Islão, foram todos massacrados e os seus corpos atirados para poços e cavernas.
9. Entretanto, o Padre Tomás, juntamente com um dos seus confrades, foi expulso de Diarbekir a 22 de Dezembro de 1914 e encontrou refúgio em Orfa. Após a Páscoa, um plano começou a manifestar-se para exterminar os cristãos de Orfa: soldados, notáveis e sacerdotes de todas as denominações cristãs foram massacrados. Assim, um padre católico arménio que procurou refúgio só foi acolhido pelos capuchinhos. O guardião e o Padre Tomás demonstraram uma caridade heróica ao dar-lhe refúgio. A 24 de Setembro de 1916, o padre arménio foi preso e o mosteiro revistado. Entre os artigos encontrados estava uma pequena pistola, encontrada - assim foi alegado - no quarto do padre Tomás. Esta arma serviria como prova perante os tribunais marciais, para a sua sentença de morte. Durante este tempo, pediu todos os dias a Jesus - hóstia, que tirasse os sofrimentos do padre arménio, e que lhos desse a ele.
10. Três meses mais tarde, foi preso com os seus companheiros e mandado, sob chuva no meio do Inverno, para aparecer em Marasc. Foi brutalizado, maltratado, deixado sem comida e atirado para prisões infectadas, de modo que, exausto e sem

forças, contraiu tifo. Quando chegou a Marasc, os seus companheiros só foram autorizados a enviar-lhe um médico três dias após o seu pedido - demasiado tarde, infelizmente! - graças à intervenção de um franciscano holandês que lhe tinha administrado os últimos sacramentos. Morreu a 18 de Janeiro de 1917, consolando os irmãos que choravam por ele: «Não tenho medo da morte. Porque deveria ter medo? Não é o nosso Pai misericordioso que nos deve julgar? Porque estamos a sofrer agora, se não pelo seu amor».

UMA MENSAGEM MUITO OPORTUNA

11. Ao fazer novas propostas para responder aos desafios enfrentados pela nossa Ordem, temos por vezes a impressão de que estamos a inventar novas formas. Muitas vezes é a coragem que nos falta quando vemos a relutância em seguir outros caminhos. As vidas dos Beatos Tomás e Leonardo recordam-me em particular três temas actuais da nossa Ordem Capuchinha: *formação, missão e confiança absoluta em Deus*.
12. A diminuição do número de irmãos levou-nos, em muitas partes do mundo, a pensar na colaboração na **formação** e, por vezes, num único noviciado. Face à mesma crise vocacional no final do século XIX, a nossa Ordem fundou o Instituto Apostólico do Oriente, que tinha as suas próprias Regras, a sua própria língua, os seus próprios formadores, o seu próprio programa de formação, etc. Os candidatos vinham de diferentes países (Alemanhã, Armenia, Bulgaria, Grecia, Itália, França, Libano, Turquia, etc.) e estavam destinados a ir para onde eram necessários. Basta ler os relatórios anuais nas páginas do nosso Analecta para se aperceber disso. Qual foi o resultado? Não só deu muitos irmãos à Ordem, mas também frutos de santidade: os Beatos Tomás e Leonardo e seu companheiro, o Servo de Deus Monsenhor Cyril Zohrabian. Todos se sentiram orgulhosos e felizes por pertencerem a este Instituto.
13. Na minha carta à Ordem no início do novo sexénio (Agradecemos ao Senhor!), convidei «toda a Ordem a começar a reflectir sobre a dimensão missionária da nossa vida» (n. 54). Este ano o Senhor dá-nos duas bênçãos que não foram apenas mártires, mas também dois jovens missionários. Entre as condições de admissão dos jovens no Instituto Apostólico do Oriente, para além dos sinais de vocação religiosa, havia também o desejo de serem missionários. Desde o primeiro momento, o propósito missionário do Instituto foi posto à frente dos rapazes. Antes de serem recebidos no noviciado, tiveram de declarar a sua vontade de se consagrarem às missões estrangeiras. Depois, na véspera da profissão temporária e perpétua, assinaram um documento no qual se comprometiam a consagrar-se às missões sem qualquer expectativa de regressar ao seu próprio país. Estes jovens deixaram tudo para trás com coragem, sem olhar para trás: famílias, amigos, ambiente cultural, país, língua.... Deixaram tudo para trás, e dedicaram-se de todo o coração e generosamente à missão, sem impor nada ou fazer quaisquer exigências. Tudo isto foi claro para eles desde o início da sua jornada de discernimento e formação. «Estou muito ocupado, mas também muito feliz», escreveu Leonardo ao seu ministro geral no início da sua

vida missionária. No dia seguinte Tomás escreveu: «A Misericórdia Divina quis dar-nos a Missão Mesopotâmica para a nossa felicidade». É a alegria que transparece em todas as suas cartas: a alegria de serem missionários apesar de todas as dificuldades e perseguições. Os beatos Tomás e Leonardo exortam-nos a repensar, desde o primeiro contacto, como apresentar a vocação capuchinha aos nossos jovens candidatos.

14. O contexto em que os Beatos Tomás e Leonardo viveram não era melhor do que o nosso: o genocídio dos cristãos no Líbano (1860), na Turquia (1894-1896; 1909; 1915-1916), a guerra italo-turca pela Líbia (1911-1912), as guerras dos Balcãs (1912-1913) e finalmente a Primeira Guerra Mundial. Neste contexto muito difícil, Tomás escreveu ao ministro geral: «Só temos de nos colocar nas mãos do Deus misericordioso»; «Não sabemos o que está a ser preparado para nós e o que a Divina Providência tem reservado para nós. Seja feita a sua santa vontade»; «Temos fé Nele que disse: tem confiança, eu venci o mundo». A atitude de Leonardo foi a mesma: «Que Deus ponha fim a esta guerra, a causa de muitos males, o mais depressa possível»; «Estamos inteiramente nas mãos de Deus. Seja feita a sua santa vontade. O seu exemplo encoraja-nos a ter **absoluta confiança em Deus** na difícil situação que o nosso mundo está a atravessar e face ao declínio numérico da nossa Ordem em algumas regiões do mundo. A confiança em Deus é a medida da nossa fé N'Ele. Face a todas as dificuldades e guerras, repetimos com o Padre Tomás: «Tenho total confiança, o bom Deus não nos abandonará».

15. Meus caros irmãos, os dois Beatos Tomás e Leonardo, que morreram em *odium fidei* (em ódio à fé) durante o pior genocídio do século XX, são um admirável exemplo de caridade e de abnegação fraternais. No meio desta perseguição, que fez dois milhões de vítimas, o primeiro sacrificou-se por um padre arménio, o segundo por um confrade. Que os Beatos Tomás e Leonardo obtenham para todos os irmãos da Ordem o zelo missionário que os animou e a caridade heróica que os levou ao dom total de si mesmos. Enquanto continuo a rezar pela Ucrânia, o meu pensamento vai especialmente para os meus irmãos da Custódia Geral do Médio Oriente, que está presente em dois países, Líbano e Síria, julgados por guerras e crises económicas, políticas e sociais. Que o exemplo do Beato Tomás e Leonardo, juntamente com o de Abouna Yaaqoub, os ajude a colocarem-se inteiramente nas mãos do Senhor, e que «Deus ponha fim a este estado de coisas», como escreveu o Padre Leonard.

FRATERNALMENTE,

FR. ROBERTO GENUIN, OFMCAP
MINISTRO GERAL

ROMA, 24 DE ABRIL DE 2022

DOMINGO DA MISERICÓRDIA
FESTA DE ST. FIDELIS DE SIGMARINGEN
PROTOMÁRTIR DE PROPAGANDA FIDE